

3

O intruso no estrangeiro

3.1

O estrangeiro banido

Ne pas chercher à fixer, à chosifier
l'étrangeté de l'étranger. Juste la toucher,
l'effleurer, sans lui donner de structure
définitive.

Julia Kristeva

Nancy preocupa-se em buscar uma nova forma de se relacionar com o estrangeiro que não o exclua de sua estrangeiridade. Interessa-o, justamente, como a Derrida, retomar a força dessa figura que teria sido banida de sua diferença, ou seja, retomar a estrangeiridade do estrangeiro. Segundo Nancy, no curta-metragem “Vers Nancy” de Claire Denis, a figura do estrangeiro teria perdido sua potência na diferença para a qual apontaria. Derrida, com intuito similar, escreve *Da hospitalidade* também como uma tentativa de compreender os impasses da questão da hospitalidade e criticar a exclusão da diferença do outro.

Em *Da hospitalidade*, o filósofo toma como base de argumentação algumas figuras do estrangeiro, presentes em textos como *O Sofista*, *O Político* e *Apologia de Sócrates*, de Platão. Derrida toma Édipo como um exemplo do desejo de banir e excluir o estrangeiro, lembrando, em *Édipo em Colona*, como Édipo é banido de Atenas, depois da revelação dos delitos que cometeu. A hipótese principal de Derrida é a de que o estrangeiro seria uma figura revolucionária e virtualmente parricida. Uma vez que o estrangeiro é aquele que está, por definição, deslocado, desterritorializado, ele é um perturbador da ordem estabelecida, de uma linhagem paterna, contestando o *logos* de Parmênides segundo o qual o ser é e o não ser não é. Ele representa a guerra interna do *logos*, impõe-se radicalmente contra a autonomia, a propriedade e a identidade. Segundo Derrida, esta seria a questão do estrangeiro, ou seja, a alteração do pai com o parricida. É esta noção que se verifica quando Derrida coloca a figura do

estrangeiro parricida como questionador radical do *logos* parmenidiano. Derrida diz, em *Da hospitalidade*:

É o estrangeiro que, precipitando a questão intolerável, a questão parricídio, contesta a tese parmenidiana, questiona o *logos* do nosso pai Parmênides, *ton tou patrós Parmenidou* lógon. O estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do *logos* paterno: o ser que é e o não-ser que não é. Como se o Estrangeiro devesse começar contestando a autoridade do chefe, do pai, do chefe da família, do “dono do lugar”, do poder de hospitalidade (Derrida, 2003, p.7).

O estrangeiro teria sido reconhecido e identificado como aquele que se dá como diferente, ou de fora. Identificado como aquele que carregaria um nome¹³, uma marca de um lugar de origem. Uma vez reconhecido e identificado, o estrangeiro foi também assimilado e neutralizado, tornado um igual. Sobretudo quando aquele que recebe e acolhe é uma potência mais forte e detém maior hegemonia na economia global. Diferença que se impõe frequentemente nas relações de hospitalidade, pois são os hospedeiros que estipulam as regras e solidificam seus domínios. No entanto seria necessário ter atenção para este problema. Como diz Derrida: “Que o estrangeiro, o *ksénos*, não seja simplesmente o outro absoluto, o bárbaro, o selvagem absolutamente excluído e heterogêneo” (Derrida, 2003, p. 19).

Nancy, bem como Derrida, coloca-se a tarefa de entender a relação com o estrangeiro de outra forma e repensar a prática que estaria sendo adotada. A figura do estrangeiro, para esses autores, provocaria uma fenda profunda na noção de identidade, compreendendo que o sujeito sempre se ausentou de si mesmo, sendo impossível que este sujeito se nomeasse enquanto um si mesmo. Nancy diz claramente em “Vers Nancy” que interessa-o refletir a respeito de uma outra relação, entre hóspedes e hospedeiros, para além da lei, da moral que acolhe por obrigação e em defesa de uma soberania identitária. Interessa-o abordar este estrangeiro de outra forma, compreendê-lo tomando em conta o que se perdeu neste contato, nesta normalização da necessidade da hospitalidade, que banalizou o que seria a “diferença” do estrangeiro circunscrevendo o estranho no familiar.

¹³ O filósofo reivindica um direito que esteja para além do indivíduo, um que não requira que, para ser dada hospitalidade a alguém, este tenha de ser chamado por um nome, ser um sujeito de direito e dotado de uma identidade nominável. Derrida diz: “Um nome próprio nunca é puramente individual” (Derrida, 2003, p.23).

Processo que teria essencializado e pasteurizado o estrangeiro como o “diferente”, eliminando sua diferença, esta, inassimilável.

A abordagem feita por Nancy e Derrida a respeito da figura do estrangeiro, que se quer uma abordagem menos dualista, na medida em que não trata o estrangeiro como simplesmente aquele que vem de fora, possui claros precedentes no livro de Julia Kristeva, *Étrangers à nous-mêmes*. Texto que carrega muito das discussões da época. No livro de Kristeva, que foi por muito tempo, e em parte ainda é, uma grande referência para pensar a questão dos estrangeiros, a autora diz:

que la question se pose à nouveau: non plus de l'accueil e l'étranger à l'intérieur d'un système qui l'annule, mais de la cohabitation de ces étrangers que nous reconnaissons tous être. (Kristeva, 1988, p. 11)

Kristeva já apontava para a necessidade de atentar a uma singularidade irreduzível do estrangeiro e da necessidade de se pensar uma forma de convívio que mantivesse essa singularidade. Mais tarde, em 2001, em *L'intrus*, Nancy elabora e verbaliza esta noção como antes ainda não havia sido feito, enfatizando o caráter radicalmente contraditório da figura do estrangeiro como aquele que está extremamente próximo e extremamente distante ao mesmo tempo: o estrangeiro: aquele que se constrói, sempre e incessantemente, a partir de um contraponto, sempre em relação e, em última instância, dentro de uma “intimidade”, de um imbricado sistema de relações que se conectam ao mesmo tempo que distanciam-se.

Para falar sobre esse caráter contraditório da figura do estrangeiro, é necessário compreender o que Nancy chama de uma “estrangeiridade do estrangeiro”. Tal estrangeiridade se dá, na relação de hospitalidade, simultaneamente como aquilo que se abre ao outro, através de fissuras, portas e janelas e se furta a esse outro na medida em que, justamente, não pode ser assimilada. O estrangeiro, no caso, nunca se deu a si mesmo enquanto tal. Esse índice do inacessível seria, por conseguinte, o que Nancy chama de estrangeiridade. A “estrangeiridade do estrangeiro” é algo sobre o qual comenta invariavelmente Nancy em diversos momentos espalhados em sua obra, ainda que algumas vezes a noção não seja formulada como conceito ou com estas palavras.

L'intrus, “Vers Nancy”, *Corpus* e *La communauté desouvrée*, este último abordando a questão da comunidade, tão vital para a discussão sobre hospitalidade, são alguns exemplos de onde se pode encontrar essa noção na sua obra. Tentando definir algo que escapa à definição, a “estrangeiridade do estrangeiro” seria aquilo que transgride ou estica os limites pelos quais se constroi uma identidade. Esta estrangeiridade acabaria por ser solapada pelas leis que garantem uma identidade cultural, social e outras fronteiras preestabelecidas.

É necessário compreender que quando Nancy fala a respeito de uma estrangeiridade que deve se manter irredutível como tal, não se trata de uma “substância” que existe no estrangeiro, de algo que se dá a si mesmo e corre o risco de se perder do seu lugar de origem. O que Nancy entende por estrangeiridade estaria muito mais ligado, não àquilo que caracteriza o estrangeiro, como uma diferença que se dá entre partes, mas ao que nunca se deu neste estrangeiro a si mesmo e para si mesmo. Trata-se de uma abertura ao constante outro de si mesmo, um estar constantemente em relação.

A estrangeiridade então estaria muito mais próxima da noção de *différance*, para Jacques Derrida.¹⁴ Ainda que Nancy não o cite diretamente, seu parentesco com toda a filosofia de Derrida é mais do que declarado. Esta estrangeiridade, ou ainda, num registro mais derridiano, esta *différance* para a qual sempre apontaria a figura estrangeiro, segundo Nancy, vem sendo banalizada ou mesmo apagada incontáveis vezes ao longo dos processos históricos que contribuíram para o que hoje temos como um mundo homogeneizado.¹⁵ Não apenas isso deve-se aos processos históricos, como na verdade essa estrangeiridade - digo-o com base na premissa geral do projeto derridiano de desconstrução, segundo a qual a história da metafísica seria a história da presença

¹⁴ A noção de estrangeiridade a qual se refere Nancy caminhará em consonância com o que Derrida entende por *différance*, conceito, ou quase-conceito, que se opõe a um estabelecimento de diferença que leva em conta aquilo que se difere de uma presença. Diferença que, portanto, se remete a uma matriz, a uma origem a partir da qual algo se difere. Derrida problematiza aí uma metafísica da presença. Nas palavras de Paulo Cesar Duque-Estrada, “já não se pode pensar aqui em um sistema de diferenças entre coisas diferentes que, antes de serem confrontadas, já existiam em si mesmas, como coisas presentes a si mesmas. O que é primeiro não são as coisas em si (significantes ou significados em si), mas sim uma diferencialidade, um sistema de diferenças (...) Toda presença mostrar-se-á, sempre, como um efeito do diferenciamento ou, mais precisamente, da *différance*”. (Estrada, 2002, p.19)

¹⁵ Tal noção de uma homogeneização do mundo no atual estágio do capitalismo encontra-se desenvolvida no trabalho de Nancy *La creation du monde ou la mondialization*.

- teria sido pasteurizada ao longo de um grande percurso de sustentação metafísica e dialética na história da filosofia.

O filósofo diz que a chegada do estrangeiro, ou a negociação que se estabelece com a chegada desse estrangeiro é, inevitavelmente, regulada por normas, restrições (não existissem, provavelmente não existiria tampouco qualquer diferença que se caracterize como ameaça àquela “comunidade”). Tais restrições, para o filósofo, normalizam a chegada do estrangeiro. Trabalham em uma perspectiva moralizante, como se o ato de acolhida fosse algo parte do “humano”, um dever humanitário. Quando, na verdade, construindo essas leis como um dever, não se leva em conta a real diferença, irredutível à um estabelecimento de regras generalizantes, com relação a este que é acolhido.

A chegada e possível permanência do estrangeiro é assim, segundo Nancy, regulada por leis específicas que definem um protecionismo identitário na relação do estrangeiro com aquele que o recebe, aquele que, supostamente, está abrindo-se a ele. Todas as políticas de hospitalidade, diz o autor, são pautadas por uma necessidade de tratar o estrangeiro como um “igual”, e a igual necessidade de validação de uma “identidade” estrangeira seria um sinal justamente da “normalização” da sua figura. Identificando-o dá-se portanto início ao processo de assimilação. No entanto, o que parece interessar a Nancy é pensar em uma relação de acolhida que confronte essas normas a partir de uma outra perspectiva.

No curta dirigido por Claire Denis, Nancy conta que desde quando lhe foi proposto pensar sobre a questão da estrangeiridade, pensar sobre o fato de ser estrangeiro, seu interesse era o de conseguir pensar para além das convenções, para além de uma “normalização” da estrangeiridade do estrangeiro. Pensar, enfim, para além das normas que tendem a acolher aquele que vem de fora como se acolhê-lo fosse uma obrigação humanitária, uma regra, uma lei entre os homens. O filósofo diz: “Donc je veux dire que c’est une question de comment penser au-delà de ces modèles qui ne nous vont plus” (Nancy, 2002).¹⁶

A intenção de Nancy era pensar em que consistiria verdadeiramente esta acolhida. Não tratava-se, evidentemente, de uma anti-apologia da hospitalidade. Nancy diz estarmos todos de acordo sobre a necessidade de acolher o estrangeiro.

¹⁶ Ainda que as palavras de Nancy façam parte do curta-metragem de Denis como um todo, considero aqui menos os aspectos fílmicos do que o conteúdo específico do que foi dito.

Justamente, a questão está em como proceder e compreender esta acolhida, que deveria poder preservar, na visão do filósofo, o que há de inominável, inalcançável, neste estrangeiro. Sua vinda, como diz em *L'intrus*, “ne cesse pas”, ou seja, o que, no estrangeiro não se concretiza de fato em uma “identidade” fechada. Nancy, na entrevista, diz:

Quand un jour on m'a demandé d'écrire quelque chose au sujet de l'étrangeté et du fait d'être étranger, ma première réaction était quand même de me dégager de la convention, disons, de l'accueil de l'étranger. On est d'accord sur la nécessité d'accueillir l'étranger ou même (comment...disons...) c'est ça qu'on veut, mais il y a justement une manière d'insister, de normaliser aussi, de faire une norme de l'accueil de l'étranger, l'accueil des différences, le respect de l'autre, (et abouti...?) à faire comme si il n'y avait aucune étrangeté, c'est comme si on voulait faire semblant que noire n'est pas noire (Nancy, 2002).

A diferença para a qual apontaria a estrangeiridade do estrangeiro não se impõe pela contraposição entre as partes, por uma dialética entre diferentes. O estrangeiro, se entendido como aquele que se contrapõe pela diferença, pela identidade, nunca teria se dado a si mesmo. A estrangeiridade, para Nancy, seria, em outras palavras, aquilo que no estrangeiro estaria eternamente partido de si mesmo, uma vez que não há um contraponto originário nele ao qual diferenciar-se, como um oposto dentre polos.

3.2

O caso francês da “identidade forte”

Nancy, em uma formulação na qual política e filosofia andam muito próximas, na entrevista realizada em “Vers Nany”, oferece uma perspectiva para entender a questão da hospitalidade com os estrangeiros, bem como o que ocorre especificamente no caso da França. Além de discutir uma certa particularidade do caso francês, o autor ainda entende que esses são problemas enfrentados em qualquer relação de hospitalidade. Tendo em vista o fenômeno da banalização da estrangeiridade do estrangeiro, de sua alteridade irreduzível, manifestariam-se, explica o filósofo na mesma entrevista, dois casos aparentes. Casos estes que se manifestam tanto pelo excesso de tato e preservação da singularidade do outro acolhido, quanto pela falta ou ausência da preservação da sua singularidade.

Um dos motivos de banalização da diferença do estrangeiro seria através dos processos de sua assimilação ou integração à cultura hospedeira. Processos estes que, sob a pretensão humanitária de “igualdade entre os homens”, de ter de haver uma obrigação da gentileza, da docilidade e da aceitação (condutas que afirmariam a incapacidade de lidar com a diferença frente ao estrangeiro), tornam-o imperceptível à ordem estabelecida enquanto ser singular.

A entrevistadora, acerca do tema, conta a Nancy que quando chegou na França (não é revelado ao espectador em nenhum momento, provavelmente propositalmente, a “origem” da moça antes de chegar na França, seu país hospedeiro) também ela tinha o desejo de passar imperceptivelmente e não perturbar a ordem das coisas para que não pudesse ficar, ela mesma, suscetível a ser rejeitada: “Je voulais m’introduire, être là, et ne pas être aperçue comme différente, surtout ne pas déranger l’ordre des choses, ne pas me rendre susceptible être rejetée ou expulsée”. Movido por este testemunho sobre a necessidade de imperceptibilidade da moça diz Nancy: “[imperceptible], si tu l’entends littéralement, ça veut dire qu’on te voit pas. Donc tu voulais qu’on ne te voit pas en tant qu’étrangère” (Nancy, 2002)

Uma importante referência interna à crítica da assimilação do estrangeiro que faz Nancy, estabelecendo um paralelo com *L’intrus* e o depoimento do transplante de coração,¹⁷ seria, diz o autor, o absurdo na “lógica” ocorrida entre doadores e receptores de órgãos. Segundo Nancy, a lógica “humanitária”, de generosidade e solidariedade da assimilação se manifesta, num caso, ao acreditarem que doando um órgão, perpetuariam uma vida que se foi, e no outro caso, dos receptores, que descobrindo algo da pessoa cujo órgão foi neles implantado, descobririam algo sobre aquilo que agora são e faz parte deles. Como se ali, naquele órgão, houvesse algo que se remetesse a uma essência da pessoa que morreu. O que revelaria uma necessidade atroz de assimilar este outro como igual, de identificá-lo, nomeá-lo e circunscrevê-lo.

¹⁷ Atente-se para a “genealogia” do livro *L’intrus*, desenvolvida no primeiro capítulo, segundo a qual o livro teria nascido de circunstâncias que exigiam uma discussão sobre a questão premente dos estrangeiros na França. Deste modo, se faz relevante lembrar que o corpo “íntimo” abordado no livro tem uma aguda relação com o corpo social. Por isso, sobretudo, a operação incarna o paradoxo da relação de hospitalidade para com o estrangeiro, e da relação entre o público e o privado.

O outro caso de banalização do que o filósofo diz ser a diferença irreduzível do estrangeiro se daria através da segregação em espaços reclusos, que manteria este estrangeiro separado de um determinado *corpus* social que o acolhe, reduzido ao puro acolhimento físico, admitido por lei, seja por respeito demais ou arrogância. Segundo Nancy, a França seria uma sociedade que teria cometido uma falta por querer manter preservada, no seu *corpus* social, na mentalidade de seu povo, uma “identidade forte”, “um comportamento arrogante”, o que, na necessidade deste *corpus* manter-se fechado e impenetrável ao outro, indica um fechamento identitário mais vulnerável ao exterior, mais suscetível a sofrer intrusões, uma vez que um intruso só poderia introduzir-se quando há esta polaridade identitária, quando há fronteiras bem demarcadas. No curta/ entrevista Nancy diz: “c’est un pays avec une identité forte, avec un comportement ou une mentalité arrogant, comme on dit souvent”.

Segundo o filósofo, os franceses fariam a partir de um lugar de superioridade, dando lições ao mundo sobre como se deve acolher os estrangeiros:

souvent je me dis que quand en France et quand des français donnent des leçons au reste du monde d’assimilation, d’intégration...les français disent ça du haut d’une identité forte incontestablement, et qui est bâtie par des siècles de domination, d’état très centralisé et très fort, et qui a provoqué l’intégration d’un ensemble de provinces françaises, de langues, de cultures(...)

Aqui Nancy caminha na mesma direção de Kristeva, em *Étrangers a nous mêmes*. A autora, bem como Nancy, discute de forma similar a “identidade incontestavelmente forte” da qual fala Nancy como característica dos franceses, decorrente de uma série de motivos históricos formadores de um estado forte e centralizado.

Acrescente-se, assim, à expressão de Nancy uma outra, de Kristeva: “orgulho nacional imbatível”. Ambos são enfáticos nesse ponto da análise: a coexistência destes dois casos, de assimilação e segregação, forjaria uma espécie de cisão identitária em relação aos estrangeiros acolhidos em seu território. A autora dá a seguir um panorama desta mentalidade francesa:

nulle part on n’est *plus* étranger qu’en France. N’ayant ni la tolérance des protestants anglo-saxons, ni l’insouciance poreuse des Latins du Sud, ni la curiosité rejetante autant qu’assimilatrice des Allemands ou des Slaves, les Français opposent à l’étranger un tissu social compact et d’un orgueil national

imbattable. Quels que soient les efforts - à la fois considérables et efficaces - de l'État et des diverses institutions pour accueillir l'étranger, celui-ci se heurte en France plus qu'ailleurs à un écran. Il s'agit de la consistance même d'une civilisation fidèle à des valeurs élaborées à l'abri des grandes invasions et des brassages de populations, et consolidée par l'absolutisme monarchique, l'autonomie gallicane et le centralisme républicain. Même lorsqu'il est légalement et administrativement accepté, l'étranger n'est pas pour autant admis dans les familles. Son usage malencontreux de la langue française le déconsidère profondément - consciemment ou non - aux yeux des autochtones qui s'identifient plus que dans les autres pays à leur parler poli et chéri. Ses habitudes alimentaires ou vestimentaires sont considérés d'emblée comme un manquement impardonnable au goût universel, c'est-à-dire, français. (Kristeva, 1988, 58)

Os depoimentos consonantes de Nancy e Kristeva parecem revelar que, se, por um lado, a França conseguiu levantar todo um questionamento e um debate a respeito da cidadania e das fronteiras que constroem um Estado-nação na sociedade contemporânea; sobre a necessidade de hospitalidade e abertura para com pessoas que não dispunham de nenhuma nacionalidade e naufragavam apenas “deslocadas” de seus lugares de origem; por outro, isso também revelava uma preocupação de um estado forte, que, como disse o filósofo em “Vers Nancy”, produziu uma “mentalidade arrogante”, e Kristeva, em *Étrangers a nous même*, um “orgulho nacional imbatível”, fruto de séculos de dominação e grandes invasões consolidadas pelo absolutismo monárquico.

Tampouco trata-se, é necessário acrescentar, de uma apologia à ilegalidade dos estrangeiros, à intrusão livre e irrestrita das fronteiras que constroem um Estado-nação sem que o estrangeiro seja legalmente ou administrativamente aceito. A frase de Nancy “Il faut qu'il y ait de l'intrus dans l'étranger” não ressalta o aspecto, digamos, “ilegal” do estrangeiro. Não se trata de uma defesa da ilegalidade, de uma intrusão generalizada no território francês. A abertura que Nancy aponta sobre a necessidade de intrusão no/do estrangeiro não exclui ou deslegitima o poder evidentemente presente nas estruturas hierárquicas que regulam a hospitalidade. Não se trata de deslegitimar, mas, sim, de pensar em uma outra questão. Derrida dá uma explicação bastante elucidante do tema, que possivelmente serve de base à discussão levantada pelos dois autores:

Ela (a lei da hospitalidade) parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” de hospitalidade. Em outros termos a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto

social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe *ceda lugar*, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome. A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito. A hospitalidade justa rompe com a hospitalidade de direito; não que ela a condene ou se lhe oponha, mas pode, ao contrário, colocá-la e mantê-la num movimento incessante de progresso (grifo meu) mas também lhe é tão estranhamente heterogênea quanto a justiça é heterogênea no direito, do qual, no entanto, está tão próxima (na verdade, indissociável) (Derrida, 2003, p.25).

Tampouco a proposta dos autores dentro da reflexão sobre a hospitalidade refere-se a uma defesa do direito irrestrito de cidadania para os estrangeiros, como mais uma vez explica Derrida:

(Não se trata) do problema clássico do direito à nacionalidade ou à cidadania como direito de nascença - ligado, aqui, ao solo e, lá, ao sangue. Não se trata apenas do elo entre nascimento e nacionalidade; não se trata da cidadania oferecida a alguém que não a tinha anteriormente, mas do direito acordado ao estrangeiro enquanto tal, ao estrangeiro que continua estrangeiro, e aos seus, à sua família, a seus descendentes. (Derrida, 2003, p.21)

Portanto, a lei absoluta da hospitalidade, aquela que prezaria a diferença e a intrusão do estrangeiro não seria necessariamente contra a cidadania nem contra a ilegalidade, mas se colocaria como um outro modo de compreender a relação. Para Nancy, a despeito da crítica que faz à mentalidade francesa, a França seria um país bastante propício a sofrer a experiência da intrusão, e por isso, de poder ser renovado e abarcar o outro num sistema preestabelecido e bastante “conservador”, como apontaram os autores. Em outras palavras, na medida em que se define uma comunidade segundo a “identidade forte”, a comunidade sofreria mais radicalmente a experiência da intrusão.¹⁸

¹⁸ Nancy desenvolve a partir daí toda uma vertente de sua obra que serviria para pensar justamente uma comunidade sem laços, uma comunidade dos sem comunidade, onde as singularidades pudessem conviver e ao mesmo tempo que experimentando o necessário não-contato.

3.3

Intrusão do estrangeiro - a acolhida

O senhor do lugar, não tendo preocupação *mais urgente* que aquela de derramar sua alegria sobre não importa quem que, à noite, vier jantar à sua mesa e sob seu teto repousar as fadigas do caminho, *espera* com ansiedade sobre a soleira de sua casa o estrangeiro que ele verá despontar no horizonte como um libertador. E do mais longe que ele o vir chegando, o senhor se apressará em gritar-lhe: “Entre rápido, porque tenho medo de minha felicidade”.

Jacques Derrida

No I Colóquio Internacional *Desconstrução, linguagem e alteridade: heranças de Derrida*, Olgária Matos, em sua exposição do dia 17 de junho de 2011, faz uma distinção entre “cosmopolitismo” e “hospitalidade” importantes para este estudo. A professora então recorre ao pensamento derrideano para fazer a contraposição entre os dois. No cosmopolitismo, o estrangeiro deve ser bem recebido e assimilar as regras do anfitrião. Há nisso uma ideia homogeneidade e de soberba, bastante diferente da relação de *hospitalidade*. Esta é incondicional e faz parte do domínio da utopia. A *hospitalidade* não demanda a assimilação ou reconhecimento pois o anfitrião que acolhe é “responsável pelo outro diante do outro, antes de ser o anfitrião deste outro”. Quem convida é portanto já sempre convidado de seu próprio convidado, convocado, chamado por ele antes de qualquer convite. A hospitalidade não é então um ato moral, um dever civil, mas um dom, algo que acontece, estando diante do outro e pelo outro.

Assim como tal noção da hospitalidade, para Nancy, não seria o estrangeiro em si, como um conceito estático, como uma investigação filosófica sobre este conceito, mas a relação que se dá com o estrangeiro e o que se produz neste contato. Por isso o autor fala de “a chegada” do estrangeiro, uma chegada como potência, pois é a relação com o estrangeiro que o interessa.

A moça com quem o filósofo conversa no curta lbe faz a seguinte pergunta: “Lorsque tu écrit il faut qu’il y ait de l’intrus dans l’étranger, a qui ça s’adresse? Est-ce que c’est a celui qui accueille l’étranger, ou à l’étranger?” Nancy,

motivado pela pergunta, responde algo que nos é útil aqui. O filósofo diz: “je pense à celui qui accueille, c’est une façon de se demander: - c’est quoi [accueillir]”? Interessa-o pensar tanto uma acolhida para além da obrigação da lei, que protege o estrangeiro “identificado”, quanto pelo fato de no “acolher”, necessariamente, estar embutido uma relação de contágio delicada entre limites identitários. Limites nos quais estas supostas identidades se tocariam, numa relação de impossibilidade de contágio e, ao mesmo tempo, forçando o limite que os separa.

A chegada do estrangeiro, compreendendo-o a partir da perspectiva do intruso, “não cessa nunca”, como diz Nancy. O fato de o estrangeiro, como estrangeiro e como outro, nunca chegar como tal, nunca concretizar sua chegada enquanto algo que se faz presente, é o que aproxima o estrangeiro do intruso, aquele que não se dá a ser assimilado em nenhuma relação. Se assim o fosse, o estrangeiro deixaria de sê-lo, ele mesmo, estrangeiro. O intruso seria, portanto, uma tentativa talvez mais radical de abordar o estrangeiro, distanciando-se radicalmente de uma perspectiva identitária, que subjugaria este estrangeiro como pertencente a uma identidade ou ipseidade.

O estrangeiro, na verdade, já desde o princípio traria a relação de abertura em si mesmo, que abre o *logos* para uma outra relação com o que não se conhece pela razão. Pois o estrangeiro não existiria sem a relação de diferença para com algo que o contrapõe infinitamente. Segundo o filósofo, esta diferença trazida pelo estrangeiro, que faz limite com o que dela se difere, não chega a constituir um “algo”, uma “presença”. Justamente, ela está sempre em processo, sempre vindo a ser, “sa venue ne cesse pas”. A origem para a qual aponta o estrangeiro, caracterizada na maioria das vezes como uma “identidade”, ou aquilo que sustenta uma identidade, seria dela mesma apartada, não se dando nunca como um centro regulador disto que se considera uma identidade.

Uma verdadeira relação com o estrangeiro tomaria em conta a vinda do estrangeiro como uma relação de abertura que nunca chega a se completar como uma presença a si, como um fechamento, um significado. Nancy refere-se a esta chegada do estrangeiro como um “vir a presença” constante. Não se trata, como diz em *The birth to presence*, de apagar o que seria uma representação, um significado deste outro: “There is, perhaps, no humanity (and perhaps, no

animality) that does not include what, in man, passes infinitely beyond man (Nancy, 1993, p.I). A relação de abertura constituiria a real diferença, ou seja, uma diferença infinita daquilo que seria um contraste de presenças, sem nome e sem lugar na relação com o estrangeiro.

A relação com o estrangeiro, portanto, evidencia que este outro que vem de fora não é diferente porque ele *é* algo que se difere do um, de uma estrutura identitária, (apontando e construindo, por sua vez, uma outra estrutura similarmente oposta). Como se pode verificar por meio da *différance* derridiana, o estrangeiro difere radicalmente, ou seja, naquilo que ainda nem mesmo constitui uma presença a si. Esta relação com o estrangeiro, com o que é outro e desconhecido, é dada como uma abertura a algo que está sempre vindo à presença, ou, nas formulação recorrente de Nancy, em *The birth to presence* (1993) “nascendo para a presença”.

No artigo “La venue”, publicado na revista *Europe*, Jean-Christophe Bailly ressalta que, para Nancy, não se trata de uma solução a tomada derridiana da *différance* para tratar da relação com o estrangeiro, mas de um “programme de travail plus ouvert que jamais”. (Europe, 2009, p.291) Assim, um problema crucial consiste em que as discussões em torno das leis da hospitalidade não refletem a respeito das formas possíveis de integrá-lo sem que se retire dele o que lhe é estrangeiro, ou sem impor a ele que assimile uma identidade local, mas sim em torno de um protecionismo identitário, que destrói este estrangeiro enquanto estrangeiro e enquanto outro.

3.4

A intrusão do estrangeiro -

A dupla injunção ou o impasse da hospitalidade

O que é de fora e o que é de dentro é sempre uma questão de estrangeiro.

Maurice Blanchot

Expus a questão da estrangeiridade do estrangeiro ter sido banalizada enquanto uma diferença irrestrita que sinaliza o estrangeiro. Devo dizer agora que, justamente esta banalização e assimilação parece ser um sinal, quando não uma

consequência, do impasse principal da questão do estrangeiro, como apontam Nancy e Derrida.

Nancy, novamente na entrevista realizada por Claire Denis, diz que o problema e o impasse da questão do estrangeiro/intruso estaria em que, para que haja o intruso, para que haja isto que no estrangeiro se mantém como estrangeiro, e, portanto, para que haja algo que possa combater a ordem petrificada, que desestruture e provoque mudanças naquilo que está estabelecido e mortificado, é necessário que haja uma espécie de intrusão da heterogeneidade na homogeneidade. É necessário, afinal, que o estrangeiro se coloque de alguma forma como uma homogeneidade em si e rompa um limite, com relação ao seu hospedeiro, e vice-versa. No entanto, se a homogeneidade é forte demais ela não consegue aceitar a intrusão do outro em si mesma. A intrusão aconteceria num limite entre a distância e a proximidade, onde hóspedes e hospedeiros se rejeitam e se aceitam. Há, nisso, um impasse do qual não se pode sair.

A contradição, ou o paradoxo do intruso, já compreendendo-o à luz da questão da hospitalidade para Derrida (que na verdade compartilharia de uma língua comum à de Nancy), se apresenta na medida em que se reconhece a dificuldade de acolher um estrangeiro em sua irredutibilidade identitária. Derrida, em “Da hospitalidade” diz: “Devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós?” (Derrida, 2003, p.15).

O problema duplo de se referir e tratar o estrangeiro aceitando e rejeitando-o ao mesmo tempo, ou seja, mantendo-se aberto a ele e ao mesmo tempo preservando sua singularidade, o que acarretaria em haver, ainda, a despeito da abertura, pólos de tensão, é o que Nancy chama de dupla injunção no estrangeiro. Nancy diz: “Il faut qu’il y ait acceptation et rejet et non pas acceptation du rejet” (Nancy, 2002).

Derrida, em um texto publicado em forma de entrevista com Geoffrey Bennington, cita o mesmo termo de Nancy, “dupla injunção”, com relação àquele que se coloca como um outro identitário. Pergunta-se ele: “É possível pensarmos de modo diferente esta dupla injunção, de igualdade para todos e respeito pela singularidade (...)?” (Estrada, 2004, p.242). Não há como sair deste problema,

revelam os autores, e negligenciá-lo seria mais uma forma de banalizar o estrangeiro.

O não reconhecimento ou não pertencimento, por sua vez, pode acontecer por diversas razões, de cunho político, religioso ou linguístico. O pertencimento, como se sabe, não é um mecanismo tão simples que possa, com facilidade, delimitar, através de leis instituídas, a cultura ou a cidadania. Pode-se ser estrangeiro - e conseqüentemente, ser construído por uma subjetividade - de muitas formas, como em relação a um país, a uma comunidade linguística, a um certo movimento cultural, histórico ou político que difere daquele ao qual ele se considera relacionado.

O estrangeiro, na perspectiva que o compreende como aquele que “vem de fora” e é abarcado como uma identidade fechada, não seria exatamente o estrangeiro do qual fala Nancy, pois o estrangeiro, ou o intruso de Nancy não parece estar absolutamente certo de seu lugar e dos limites de sua identidade. Não parece estar imbuído de um objetivo final de demarcar seu território como identificado a algum lugar ou uma cultura determinados. Em outras palavras, um estrangeiro, para Nancy, para fazer juz ao nome, seria aquele ou aquilo que provocaria, estando distante e sempre separado daquele que se avizinha, um abalo no limite onde se dá a identidade.

O estrangeiro “intruso” de Nancy estaria com seu sistema imunitário demasiadamente enfraquecido. Um estrangeiro com uma imunidade baixa, o que creio defender Nancy, confunde as noções de hóspede e hospedeiro, uma vez que ambos operam numa constante intrusão um dentro do outro.

Creio que a percepção de não reconhecimento, de um estrangeiro que não se abarca e que portanto está sempre à espreita se relaciona com o que Nancy aponta como um estrangeiro intruso. O intruso tenta fazer justiça ao que do estrangeiro não reconhece a si mesmo como pertencente a algo que lhe deveria conferir uma identidade. No caso, o estrangeiro de Nancy, assombrado por um eterno intruso que lhe impede reconhecer-se, ao mesmo tempo lhe confere o título de “estrangeiro”.

Nancy, em “L’intrus”, refere-se, assim, a esse elemento, a essa estranha matéria inassimilável, que “intrusivo”, ou mesmo “estrangeiro” está sempre presente em qualquer estrutura identitária. O intruso indicaria o elemento do

estrangeiro que não se reduz nem se familiariza à cultura que lhe é hospedeira. Uma vez que desencadeia a percepção de sua chegada como uma intrusão constante, o intruso opera no hospedeiro, também, uma percepção de estranhamento para consigo mesmo. Ou seja, a irredutibilidade do estrangeiro não se restringe ao estrangeiro como tal, mas ao hospedeiro como, também, estrangeiro a si mesmo.

3.5

A intrusão do estrangeiro: o olhar de Claire Denis

Como compreender a dupla injunção do estrangeiro sem afirmar palavras categoricamente e sem correr o risco sempre tão iminente de errar a mão, de pesar demais o toque demasiadamente sutil que se dá na relação de hospitalidade? Como mais uma tentativa de tocar este conceito, este quase conceito de Nancy, (pois a intrusão, vale dizer, nunca teve na obra do filósofo o estatuto de conceito) utilizarei algumas imagens de Claire Denis para discutir, de modo conceitual e visual, como se daria o que Nancy chama de intrusão no estrangeiro.

A diretora francesa parece ter um fascínio pelo pensamento de Jean-Luc Nancy que discute como se dariam as bordas, as fronteiras de uma identidade ou de uma imagem, os limites sociais e subjetivos em que um corpo se constrói. Além do filme *L'intrus*, realizado em 2004, já dois anos antes, em 2002, Denis havia realizado uma outra empreitada, que à sua maneira, muito diferente do filme que realizaria mais tarde, compreende-se como uma primeira homenagem ao filósofo.

Citei diversas vezes ao longo do texto as palavras de Nancy no curta. Creio que agora cabe tratá-la mais de perto, sobretudo porque, além da entrevista e das palavras de Nancy propriamente ditas, ele pode ser, o próprio filme, através da atmosfera que cria, uma forma de provocar a intrusão da qual fala Nancy.

Em “Vers Nancy, Claire Denis coloca o próprio Nancy como protagonista do vídeo, “interpretando” a si mesmo em uma viagem de trem, intitulada, justamente, “para Nancy”, ou ainda, numa outra versão possível de tradução, “em direção a Nancy”.

O título já de saída parece, além de uma homenagem, uma reverência¹⁹ a Nancy, tentar precisar algo de impreciso, como quem aponta um caminho, um tom, uma direção: “vers Nancy”. Como quem está em direção a alguma coisa, a alguém, e no entanto, se encontra, sempre, no caminho, na iminência de chegar a algum lugar, ou a alguma pessoa.

De fato, não é dado ao telespectador nenhuma informação física a respeito do contexto dessa viagem. Aparecem ambos, filósofo e entrevistadora, sem que se saiba de onde saíram e para onde estão indo. Na verdade, o filme termina no momento exato em que parecem estar chegando. Na iminência de uma chegada física, o que mostraria uma tentativa de criar uma ruptura com o espaço fluido do deslocamento em que se movem os personagens. Na tensão permanente de quem quer chegar porém se encontra na iminência da chegada, na rota em direção a.

A chegada, ainda, se mostra como uma surpresa. O filósofo se surpreende com a chegada que lhe é anunciada. Aliás, é o “intruso”, ou o “estrangeiro” na figura do ator Alex Descas, que passa toda a viagem sendo mostrado de viés, como alguém que não pertence àquele lugar e está a espreita da conversa, que aborda o filósofo dizendo que já teriam chegado ao destino final. A entrada num novo território é portanto apenas anunciada. Esta chegada parece ficar, bem aos moldes de Nancy, numa borda extrema, num limite onde os territórios se tocam e no entanto não se pertencem. Mantêm-se ao fim uma expectativa a respeito daquele que chega e está próximo, um estranhamento dessa chegada.

Durante todo o percurso da conversa, que é também um percurso de espaço, ambos especulam sobre a questão do estrangeiro, da estrangeiridade, sobre os estrangeiros na França, bem como encaminham a discussão falando a respeito do fato de ser estrangeiro em qualquer lugar. Nancy, então, reflete por pouco mais de dez minutos sobre a questão que ele chama de “a intrusão no estrangeiro” (questão que já havia trabalhado em seu livro *L'intrus*), nesta entrevista conduzida por uma estudante, ao que tudo na conversa indica, também ela sendo estrangeira na França. Na conversa, fala de modo mais analítico, diferentemente de *L'intrus*, uma empreitada marcadamente ensaística, sobre o aspecto do estrangeiro em sua faceta política e social, algumas frases que

¹⁹ Um detalhe interessante para pensar a homenagem tão clara no título de Denis é o texto de Derrida sobre Nancy, “Salve”, em *Le toucher*. Neste texto, Derrida aborda que seria o “salut” ou o “salve”, uma forma de “tocar” e prestar assim reverência ao amigo.

compõem seu livro, ressaltadas e indagadas ao longo da conversa pela jovem estudante e entrevistadora.

Estão filósofo e entrevistadora conversando durante todo o percurso de uma viagem de trem, sentados, um diante do outro, separados apenas por uma mesa, ao lado de uma grande janela que mostra uma paisagem em movimento. O trem se movimenta rápido e estão ambos, evidentemente, em deslocamento com relação ao espaço percorrido pelos trilhos, como mostra a paisagem ininterrupta.

Contudo, a atmosfera da conversa parece serena, lenta, reflexiva, como pertencente a um outro âmbito, diferente do que se experimenta em trens, estações, estradas. A conversa é conduzida de tal modo, íntimo, pessoal, que ora um, ora outro, contam experiências próprias, que remetem-se ao sentimento de cada um de ser estrangeiro em determinadas circunstâncias.

Parece mesmo que a diretora gosta de criar instantes-limite, como por exemplo o momento em que estão os dois dentro da cabine de trem, espreitados por um terceiro personagem, que muito visivelmente atua como um intruso/estrangeiro naquele trem. Tensão igualmente experimentada na tentativa de Nancy de conceber a questão do estrangeiro, também ele provocando a tensão entre dois polos, familiar e não-familiar.

Há, portanto, toda uma atmosfera confessional no vídeo. A moça, de sua parte, conta sobre sua chegada como estrangeira na França, sobre a necessidade de ser imperceptível; já o filósofo, conta sobre a imprevisibilidade dos caminhos que o levaram a exercer sua profissão, o que teria sido uma forma de escutar algo que sempre veio de fora, do não previsto, do não familiar. Nancy diz nunca ter de fato programado a profissão que faz. Não obstante esta atmosfera íntima, o tema em questão é justamente o do estrangeiro, do estranho, do não-familiar.

Também no filme *L'intrus*, de Denis, a situação de bordas extremas se repete. São inúmeras as possibilidades visuais que a diretora oferece para pensar a intrusão. O personagem principal, "Louis" exerce, do início ao fim, a função intrusiva, sem que seja um personagem excessivamente interpretativo ou "subjetivo", ou carregado de um drama pessoal.

Louis é mostrado no início do filme como dono de uma propriedade, cercado por cães que o protegem, atentando para possíveis invasões. Inclusive mantendo o intruso com suas próprias mãos quando ele aparece. Entrementes, é

mostrado nadando, andando em velocidade de bicicleta, em deslocamento. A partir de certo momento, abandona os cães e parte em viagem, deslocando-se por quatro continentes. Louis no entanto mantém sempre durante essas viagens algo daquelas imagens iniciais, de preservação de suas posses. Suas tentativas de se relacionar com os filhos são sempre de uma extrema incapacidade de se abrir.